



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à frente de trabalho e às obras da rodovia BR-101 Sul

Recife-PE, 12 de fevereiro de 2009

Agora, Eduardo, é que eu estou descobrindo que sou baixinho, porque não estou conseguindo ver a turma de trás e nem a turma de trás está me vendo. Não tem nenhuma cadeira aqui, Laguna, para a gente subir, porque...

Olhem, nós vamos ter pressa, porque o helicóptero tem que levantar voo enquanto tiver luz do dia ainda, porque senão a gente pode se perder de noite aí, e não chegar a Recife.

Hoje é um dia muito especial, porque esta rodovia aqui era um sonho. Era um sonho que a gente tinha de construir, porque a gente sabe a importância que tem esta rodovia para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro e, sobretudo, para o desenvolvimento do turismo nesta região do Brasil.

Uma pessoa que vier de avião e parar em Pernambuco, pode transitar por quase todos os estados do Nordeste de carro, conhecer todos os estados, conhecer todas as capitais, conhecer praticamente todas as nossas praias. E isso é extremamente importante para desenvolver o turismo aqui no Nordeste brasileiro. Não apenas isso. Vai facilitar também o trânsito das cargas, das coisas que vocês produzem aqui no Nordeste brasileiro.

Mas hoje é especial porque eu vim visitar, em Salgueiro, a Transnordestina. É uma ferrovia de 1.800 quilômetros que começou a ser feita ainda no tempo do Império. Somente em 1962 ela chegou em Salgueiro, depois ela foi desativada, depois ela foi privatizada, e nós resolvemos reconstruir a Transnordestina, ligando o porto de Suape ao porto de Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, no estado do Piauí, para pegar toda a produção de grãos no estado do Piauí. E também tem um tramo que liga Alagoas à Transnordestina, para que a gente possa dar mais opções de



transporte ao Nordeste brasileiro.

Mas o Nordeste ganhou – e sobretudo, Pernambuco – uma obra extremamente importante que é a Refinaria Abreu e Lima. Havia 20 anos que a Petrobras não construía uma refinaria. Nós, agora, vamos construir a Refinaria de Suape, vamos construir uma refinaria no Maranhão, vamos construir uma refinaria em Fortaleza e vamos construir outra refinaria em Natal. Atrás de uma refinaria vem uma indústria petroquímica. E com a descoberta do pré-sal pela Petrobras, nós não queremos ser exportadores de petróleo cru, nós queremos exportar derivados para colocar valor agregado nas coisas que nós exportaremos pelo mundo afora.

Esta rodovia aqui é uma rodovia muito especial. Vocês estão vendo que a parte nova dela está sendo feita de concreto. Uma rodovia feita de concreto vai demorar muito para fazer manutenção, enquanto que se o asfalto for feito e for vagabundo, a gente, a cada três, quatro anos, tem que fazer reparação, porque aparecem buracos. Mas esta pista de concreto, eu acho que se tiver uma balança para controlar o peso dos caminhões que transitam pela estrada, a gente vai demorar 30, 40 ou 50 anos para fazer manutenção nestas estradas.

Pois bem, a minha visita aqui a Pernambuco começou por Lajedo. Hoje nós estamos aqui, é uma visita muito rápida, porque como a estrada vai ser inaugurada, este trecho, em dezembro de 2009, eu quero estar aqui para poder participar da inauguração. Mas amanhã nós vamos lançar um programa de criação de peixes em alto-mar, um peixe de alto valor nutritivo, de qualidade, é o beijupirá. É o peixe que a gente vai criar em tanques em alto-mar para a gente poder exportar e trazer mais dinheiro para o estado de Pernambuco e para o povo brasileiro.

E depois, nós vamos a (incompreensível) Natal inaugurar um outro Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável do Banco do Brasil, com a agricultura familiar. Eu quero agradecer, primeiro a presença de vocês, porque me disseram que eu ia vir aqui, que não tinha povo, que era só estrada. Eu não



vi a estrada e só vi povo aqui. Segundo, eu quero agradecer aos empresários que estão tocando esta obra e queria pedir para vocês... Nós estamos vivendo uma crise e ela é muito mais profunda nos países ricos. Por incrível que pareça, a crise econômica é mais forte nos Estados Unidos do que no Brasil. Ela é mais forte na Alemanha do que no Brasil. Ela é mais forte na Inglaterra do que no Brasil. Ou seja, o Brasil está mais preparado para enfrentar essa crise do que todos os países ricos do mundo.

Agora, quando tem crise nos Estados Unidos e na Europa, sempre vai sobrar um problema para nós, porque o Brasil exporta, e se eles param de comprar, nós paramos de vender e, conseqüentemente, nós vamos ter problema no Brasil. Nós temos um problema no crédito que está dificultando as empresas terem acesso a dinheiro porque o dinheiro, de repente, desapareceu do mercado, sobretudo o dólar.

Eu queria pedir ao Dnit, ao ministro dos Transportes, ao nosso querido governador Eduardo Campos, aos empresários aqui... Este primeiro trimestre e o primeiro semestre de 2009 são o semestre e o trimestre mais delicados de toda essa crise, até porque eu estou rezando mais pelo Obama do que por mim, porque ele acaba de tomar posse e eu quero que ele resolva o problema da crise americana, porque ajuda muito o Brasil.

Pois bem, eu queria pedir a vocês, empresários, ao Ministro dos Transportes, ao companheiro Governador, à companheira Dilma Rousseff, que tem responsabilidade pelo PAC, para que a gente, neste momento em que a gente vê sinais de empresas brasileiras dispensando trabalhadores, que onde a gente puder, em vez de trabalhar apenas um turno contratando apenas uma turma de trabalhadores, que a gente possa fazer dois turnos ou três turnos, para a gente contratar mais trabalhadores, mais trabalhadoras, gerar emprego, gerar salário, gerar renda, e permitir que a economia brasileira possa dar um salto de qualidade.

Eu trabalho com esse otimismo. É por isso que em dezembro eu fui



fazer um discurso para pedir para o povo comprar, porque se o povo ficar com medo de comprar e não comprar, o comércio não vende, não encomenda da indústria, a indústria não produz, aí é que vem desemprego mesmo. Se ninguém produzir e ninguém comprar, o governo não arrecada, não pode pagar a obra de vocês, vocês não constroem, a gente não tem estrada. Ou seja, a economia, na verdade, é uma roda gigante em que todos nós estamos sentados naquelas cadeirinhas. Se nós pararmos, a economia para e todo mundo se prejudica.

Eu estou convencido, Eduardo, de que o Brasil sairá desta crise dando uma lição ao mundo, que sempre deu palpite sobre o Brasil. Nós não queremos dar palpite sobre eles, mas queremos mostrar que nós fomos capazes de fazer as coisas corretas, as coisas certas, e que hoje o Brasil é o país que tem maior possibilidade de sair dessa crise.

A crise, para mim, eu vejo como oportunidade, eu vejo como uma chance de a gente sair mais fortalecido. É por isso que eu pensei que a Dilma ia falar, e ela não falou, eu vou falar agora: é que nós tomamos a decisão e nos próximos dias nós vamos anunciar, para a construção civil e para o povo brasileiro, a construção de 1 milhão de casas populares até 2010. Os empresários que estavam habituados a construir 200 mil casas, 100 mil casas, 30 mil casas, se preparem para 1 milhão, porque eu acho que vocês não estão preparados, como o governo não está preparado, ninguém está preparado, porque nunca construímos 1 milhão de casas, e agora vamos construir 1 milhão de casas para a população de 0 a 10 salários mínimos, ou seja, são as pessoas que precisam de casa neste país.

No mais, meus companheiros e companheiras, eu vou terminar porque está ficando escuro, o helicóptero pode levantar voo, e eu volto aqui para a inauguração da obra. Até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
